

Fazendo cócegas nas ciências humanas

*Patrycia Sbeghen Zanatta**
*Zoraia Aguiar Bittencourt***

RESUMO

O presente artigo pretende, através de revisão bibliográfica, avaliar o lugar das Ciências Humanas para a humanidade estabelecendo três relações metafóricas com a sensação de cócegas, a saber: o sentir, o desdém e a dualidade. Tais relações tratam das Ciências Humanas “fazerem cócegas” nas ciências e nos cientistas. Para tal, serão utilizados teóricos como Fromm (1979), Huxley (2016) e Pessanha (2018), os quais abordam o humano e, assim, estabelecem um diálogo com Kuss (2017), que olha com afeto para as cócegas. Conclui-se que “fazer cócegas nas Ciências Humanas” exige uma intenção de realizá-lo, por parte do pesquisador, uma intenção que é humana em essência.

Palavras-chave: CIÊNCIAS HUMANAS; AFETOS; CÓCEGAS

Tickling the Humanities

ABSTRACT

This article intends, through a bibliographic review, to evaluate the place of Human Sciences for humanity, establishing three metaphorical relationships with the sensation of tickling, they are: feeling, disdain, and duality. Such relationships are about the Human Sciences “tickling” the sciences and scientists. To this end, theorists such as Fromm (1979), Huxley (2016) and Pessanha (2018) will be used, who approach the human and, thus, establish a dialogue with Kuss (2017), who looks with affection at the tickle. It is concluded that “tickling the Human Sciences” requires the researcher's intention to perform it, an intention that is human in essence.

Keywords: HUMAN SCIENCES; AFFECTIONS; TICKLE

Haciendo cosquillas en las Ciencias Humanas

RESUMEN

Este artículo pretende, mediante de una revisión bibliográfica, evaluar el lugar de las Ciencias Humanas para la humanidad, estableciendo tres relaciones metafóricas con la sensación de cosquillas, son ellas: sentimiento, desdén y dualidad. Tales relaciones son sobre las Ciencias Humanas “haciendo cosquillas” a las ciencias y a los científicos. Para ellos, se utilizarán

* Mestre em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim. Bacharel em Psicologia pela Universidade de Passo Fundo – UPF. Psicóloga Clínica e Analista de Gestão de Pessoas da Universidade de Passo Fundo.

E-mail: zanattapatrycia@gmail.com
Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0003-3170-9071>

** Doutora em Educação. Mestre em Educação. Licenciada em Letras. Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Erechim/RS, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), no Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) e no Curso de Licenciatura em Pedagogia.

E-mail: zoraiabittencourt@gmail.com
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1290-8847>

teóricos como Fromm (1979), Huxley (2016) y Pessanha (2018), que los cuales se acercan a lo humano y, así, establecen un diálogo con Kuss (2017), que mira con cariño las cosquillas. Se concluye que “hacer cosquillas a las Ciencias Humanas”, requiere de la intención del investigador para realizarla, una intención que es humana en esencia.

Palabras clave: CIENCIAS HUMANAS; AFECTOS; COSQUILLAS

Introdução

Estamos acordados e, assim, conscientes. Paramos para pensar; temos sentimentos, medos e esperanças; conversamos uns com os outros, fundamos cidades, votamos em partidos, fazemos ciência, produzimos obras de arte, nos apaixonamos, nos enganamos e estamos em condições de saber aquilo que é o caso

Markus Gabriel, 2018, p. 9

No fragmento inicial, do filósofo Markus Gabriel (2018), percebemos como são diversas as formas de representação do ser humano. Neste artigo, interessa-nos em especial o recorte de “fazer ciência”, sem deixar de considerar as demais formas do que é o humano apresentadas pelo autor. Por isso, pergunta-se: as Ciências Humanas, como uma forma de fazer ciência, são capazes de contemplar essas diversas formas, características, afetos humanos, como o medo, a esperança, a paixão e outros? Para o físico e historiador da ciência Thomas Kuhn, a ciência constantemente alterna entre momentos de “normalidade”, marcados por certo conservadorismo, e de “crises” que provêm, sobretudo, de uma “crise de confiança” na ciência (Cupani, 2017, p. 13-14). Apesar de certo “conservadorismo” ser necessário ao progresso científico, tendo em vista o acúmulo sobre o que já se pesquisou, o que nos importa aqui é o fato de que este, por vezes, suprime em certa medida o caráter humano que está por trás do cientista. “O cientista real nunca é, estritamente, um pensador sem preconceitos [...]” (Cupani, 2017, p. 21).

Ao considerar as atribuições humanas dos cientistas, este trabalho busca ir além de certo cientismo, que significa “[a] suposição de que apenas o saber assegurado científico-naturalmente e formulado em uma linguagem verdadeiramente ou supostamente técnica é um saber autêntico” (Gabriel, 2018, p. 119). Para isso, proporemos um novo olhar, ou melhor, um novo modo de contato entre as ciências tidas como naturais e as ciências tidas como humanas. Isso também pode ser entendido como uma *crise*, um incômodo, que, ao mesmo tempo, pode ser prazeroso e desconfortável, alegre e agonizante, como a sensação de *cócegas*.

E o que as *cócegas* têm a ver com as Ciências Humanas? Se repararmos a gramaticidade da palavra “*cócega*”, quanto ao seu gênero e ao seu número, temos que é um substantivo feminino e geralmente utilizado no plural. É interessante observar que as *cócegas*, como sensação, são uma aquisição singular. A sua utilização como plural se dá pelo fato de que as *cócegas* não são apenas um toque que acontece, mas provêm de uma sucessão de toques, que geram uma sensação, também em cadeia, de riso. Esse riso é geralmente expresso em diversas partes do corpo, além de sua habitual expressão pela face, pois o corpo, enquanto vivencia uma sensação de *cócegas*, se amolece, se desamarra de qualquer tensão. A relação que pretendemos estabelecer com as Ciências Humanas se dá através das noções que Huxley (2016) apresenta sobre as formas como podemos “enxergar” o que existe na mente humana, ou seja, o que existe no “mundo interior”:

pensamento, sentimento e conhecimento [...]. Carregamos dentro de nossos crânios um universo amplo e variado, com regiões estranhas, regiões em que a maioria de nós não penetra na maioria do tempo, mas que estão sempre lá. Existe o mundo da memória, da fantasia, da imaginação, e dos sonhos... (Huxley, 2016, p. 239).

Dentro desse mundo interior, onde existem diversas “regiões” que podem ser interpretadas através de inúmeras formas, complexificadas pelas relações que cada mundo interior tem com outros “mundos interiores”, reside uma parte significativa da matéria-prima das Ciências Humanas, parte do seu *corpus*. Manter-se frente a esses conteúdos humanos demanda um esforço persistente. Tal movimento é o que pode produzir “cócegas”, que não se exprimem pelo riso, mas funcionam como uma espécie de “combustível” cognitivo de quem almeja conhecer, conhecer-se e reconhecer o que há de humano nas diversas possibilidades de pesquisar nesse campo.

O objetivo desse trabalho é avaliar o lugar das Ciências Humanas para a humanidade e, conseqüentemente, para a ciência, estabelecendo três possíveis relações, representadas metaforicamente pela sensação de cócegas. A primeira relação é: o sentir cócegas; a segunda: não fez nem cócegas; e a terceira: a impossibilidade de fazer cócegas em si mesmo. Tais relações se justificam pelo fato de considerarmos que é função das Ciências Humanas “fazerem cócegas” tanto nas ciências enquanto teorias, quanto nos próprios seres humanos denominados cientistas.

A definição de cócega que consta no dicionário remete à ideia de: “sensação irritante produzida em certas partes do corpo por uma fricção ou toque ligeiro que provoca geralmente riso ou movimentos pouco controlados” (Priberam, 2022). Ainda, de acordo com Ana Suy (2017, p. 25), as cócegas são uma espécie de experiência que, apesar de soar contraditória, exemplifica bem a sensação, ou seja, uma “agonia prazerosa”.

Para dar conta de subsidiar essa nova relação proposta, faremos uso do método de revisão bibliográfica. Para tal, foram selecionados autores que, ao longo de suas trajetórias científicas, debruçaram-se sobre indagações humanas. A presença da interdisciplinaridade, entre os teóricos, justifica-se por compreender que visões como a Filosofia, a Psicanálise e a Literatura são capazes de “capturar” as fricções do que é ser um humano a partir de seus “lugares” de pesquisa, ou a partir das formas como “tocam” esses conhecimentos.

Sentir cócegas

Sentir cócegas é estar com sensações conflitantes, que atuam como um agente duplo e provocam uma paradoxal reação. “Por mais que eu saiba que você vai me tocar com uma intensidade que oscila entre leve e agressiva, acima do meu ossinho da bacia, morro de agoniazinhas” (Kuss, 2017, p. 25). Esse ambiente que propicia os pequenos gestos que causam as cócegas depende de uma relação de confiança estabelecida entre os sujeitos. A confiança pode ser traduzida como uma “esperança firme” (Priberam, 2022).

Para o psicanalista Erich Fromm (1979, p. 24), olhar as coisas através da esperança é ocasionar uma mudança social na direção de maior vivência, consciência e razão. Por isso, a necessidade de confiança entre as diferentes formas de fazer ciência é necessária, como ponto capaz de proporcionar a relação que se dá entre o pesquisador e seu objeto de estudo. Bem como ocorre nas cócegas, para sentir essa agonia prazerosa, é necessária a presença de confiança entre os agentes. Para que seja capaz de produzir-se uma ciência esperançosa, ou que considere a presença da expressividade humana, é preciso que haja uma confiança para se deixar tocar por outras formas de conhecimento, de sensibilidade e de interação onde o estudioso da ciência não se coloque em posição de ignorar suas próprias observações, tanto externas quanto internas. Isso significa que, para adquirir esse tipo de conhecimento

(pesquisar em Ciências Humanas), é preciso compreender a promessa humanista de Fromm: “[onde os cientistas] trazem dentro de si toda a humanidade; [pois] não existe nada em outra pessoa que não possamos sentir como parte de nós mesmos” (Fromm, 1979, p. 93).

Essa capacidade humana de compreender quando uma ação está sendo realizada pelo corpo do outro sobre o seu, como cócegas, depende de uma constituição subjetiva, na qual se lhe conferiu a competência de perceber a si e ao outro, a qual permite, por sua vez, saber o que é seu corpo (ou *corpus*) e o que é o corpo (*corpus*) do outro. Além disso, a inscrição do toque produzido por outra pessoa pode ser compreendida como essas “agoniazinhas”, por ser um corpo erógeno, “[...] pois, nele são inscritas marcas de prazer e desprazer a partir da relação com o outro e do contato com o mundo” (Machado; Winograd, 2007, p. 1).

Qualquer movimento corporal humano cria – ao longo de sua constituição enquanto sujeito, pelas marcas de prazer e desprazer construídas na relação com o mundo – sensações potencialmente confusas nos sujeitos, que podem criar percepções de desorientação de muitas maneiras. Essas percepções são sentidas através da pele e são importantes para a construção das compreensões afetivas dos sujeitos. Essa construção afetiva é promovida pelas descargas corporais de prazer e desprazer que formam registros mnêmicos. A “pele” para a ciência pode ser entendida como a teoria, que envolve o conhecimento acumulado (os seus traços mnêmicos) que dependem de uma *consciência* e de uma *razão* buscando uma certa objetividade. Essa construção objetiva está alicerçada também, todavia, por uma vivência que carrega traços subjetivos.

Pode-se dizer que esses registros vão sendo constituídos não apenas do reconhecimento do gesto, mas também de um reconhecimento em forma de afeto. Por isso, a expressão “sentir cócegas” carrega consigo um reconhecimento do gesto “leve e agressivo” que produz uma “agoniazinha prazerosa”. Não há cócegas sem o gesto e o afeto, tão logo, estabelece-se à primeira relação que o fazer em Ciências Humanas tem com as cócegas, a sua necessidade de produzir pesquisa (gesto) e considerar como parte do processo os afetos que norteiam essa produção. Os afetos inclusive incidem em relação às subjetividades do pesquisador, às especificidades do objeto de estudo e às complexidades do ambiente em que ambas estão inseridas. Isso fica melhor exemplificado na citação a seguir:

[...] os pesquisadores devem renunciar à crença de que o uso de determinados recursos (metodologia, espécie de dados, tecnologia) ou a adoção de uma atitude (a própria disposição a serem críticos) os resguarde com relação a vieses na produção de conhecimentos. Eles devem reconhecer também os valores que cultuam ao desempenhar sua tarefa e a circunstância de que pertencem a uma sociedade que privilegia o saber científico. Deve abandonar-se, certamente, a crença de que a pesquisa seja neutra [...] (Cupani, 2017, p. 35).

A importância de considerar os afetos durante sua prática não só garante uma humanidade à ação, mas também garante uma maior vigilância sobre as interferências que emergirão naturalmente neste processo. Sua consciência é que permite minimizá-las, com a renúncia às crenças, com a atenção aos vieses, com o reconhecimento dos valores pessoais do pesquisador. Sentir cócegas enquanto um pesquisador em Ciências Humanas é permanecer ciente das fricções que ocorrem sobre sua subjetividade, que podem ser de agonia, mas que são necessárias, para sustentar a humanização dos fenômenos pesquisados, ou, como exposto por Cupani (2017), como uma pesquisa incapaz de ser neutra.

Reforçar a não neutralidade desse lugar de pesquisadores de humanidades é fundamental, pois essa palavra, esse adjetivo faz parte dos adjetivos científicos, denominação usada por Latour (2016) para representar o conjunto de virtudes ou maneiras de ser que são comumente associadas a um pesquisador:

[...] tem o aspecto de um verdadeiro ‘cientista’ porque controla suas emoções, fala de uma maneira neutra, está fazendo cálculos a todo momento, é sério e, ao mesmo tempo, ligeiramente obstinado, e parece ‘objetivo’. Acaba sendo divertido: como essa palavra objetivo se designam qualidades sempre subjetivas, qualidades que concernem à pessoa [...] (Latour, 2016, p. 178).

Aqui, compreende-se que esta neutralidade se refere aos impactos dos afetos do fenômeno pesquisado nos afetos do pesquisador, e que essa não neutralização se refere não só a uma ruptura da forma de olhar para a pesquisa, mas permitir-se ser sujeito pesquisador, sem o fazê-lo através de uma das premissas dos adjetivos de científico, qual seja, o de falar de uma maneira neutra, que também pode ser interpretado ou traduzido, por pensar, observar, pesquisar de uma forma neutra.

A área das humanidades, enquanto ciência, ocupa-se de estudar relações, comportamentos, expressões, situações que em muitos aspectos são perpassados por afetos compartilhados entre sociedades que não servem à função de sobrevivência, mas são constitutivas para os sujeitos que o levam a pertencer a um grupo. Por isso, pode-se dizer que os sujeitos pesquisadores precisam estar atentos às sensações – como as manifestadas pelas cócegas – que talvez não sejam tão perceptíveis, mas são inegáveis e rapidamente reconhecidas quando sentidas, sempre advindas de sentimentos paradoxais (prazer e agonia). Não é possível, por exemplo, estudar uma sociedade marcada pelo medo e não se afetar pela capacidade humana de reconhecer-se também neste afeto, pois, a verdadeira tarefa dos atos políticos, como os de que as Ciências Humanas se ocupam, devem ser os de reconstruir os afetos, e isso não se dá sem senti-los em alguma medida.

Pesquisar em Ciências Humanas é dar-se conta de que a presença do pesquisador inevitavelmente age sobre o ambiente pesquisado, de tal modo que os dados são produzidos e não extraídos de uma realidade que não sofra interferências de seu pesquisador. Conforme apresentam Alvarez e Passos (2012), a própria construção de uma temática de pesquisa e suas escolhas metodológicas se dão na interface entre o campo (localidade, assunto, fenômeno) com os territórios perceptuais que são constituídos pelas experiências, saberes e afetos do pesquisador.

Poder-se-ia então dizer que o que permite a um pesquisador pesquisar assuntos humanos, como a Filosofia, a História, a Literatura, a Psicanálise, é a interface em formato de “sentir cócegas” que se estabelece entre a cognição e o afeto do pesquisador, entre o objetivo e o subjetivo, entre as concepções de prazer e desprazer ao rememorar suas sensações humanas.

Não fez nem cócegas

A expressão corriqueira “não fez nem cócegas” é comumente utilizada como forma de desdém, de dizer o quanto algo foi incapaz de atingir o objetivo ao que se propunha. Na atualidade, por vezes, esse é o lugar ocupado pelas Ciências Humanas, como aquela ciência que não é capaz de racionalizar afetos e relações de uma forma que a coloque como necessária à sobrevivência. Os afetos foram assumindo um lugar de improdutividade, pela necessidade de implicar-se numa racionalização das ações, como alternativa para fugir da manifestação das subjetividades.

A complexidade de definição dos termos que perpassam debates sobre os afetos e as fortes influências racionais que inferiorizam pautas da afetividade criam justificativas para afastar um debate aberto sobre os circuitos de afetos nas relações de pesquisas. Isso torna ainda mais difícil que essas reflexões cheguem aos pesquisadores, os quais, muitas vezes,

sofrem a alienação pela manipulação de seus afetos, geridos por uma estância que normatiza os padrões e os comportamentos. Dar-se conta de como o afeto é colocado como algo que não “produz afetações” no campo da ciência é compreender que, se na relação do sujeito com seu objeto, os afetos criam um ponto de crise, na relação de sustentação da existência desses afetos frente a uma sociedade que marginaliza essa temática do campo científico, é criar um ponto de ruptura à fragilidade imposta ao campo das Ciências Humanas. Fragilidade essa que é também o sentido que está por trás da expressão “não fez nem cócegas”, como se não fosse capaz de produzir movimentações, grandes inferências. Sendo as cócegas, todavia, uma sensação física não evitável pela razão, também no campo das Ciências Humanas os afetos são inevitáveis.

Certamente, o argumento que coloca a afetividade como uma fragilidade das Ciências Humanas é o ponto de que essa não pode ser, em sua totalidade, objetivada. É preciso reconhecer, porém, que a natureza tampouco pode ser reconhecida em sua totalidade, o que não torna as Ciências Naturais “frágeis” (Cupani, 2017).

Isso demonstra o quanto na produção formalista, algébrica ou estatística, por mais objetivos que possam ser, ainda assim, estarão encobertos por uma observação empírica. Já dizia Freud (2014, p. 43): “Não é fácil tratar sentimentos cientificamente”. A própria forma como essa ciência se coloca frente às corriqueiras menções de desdém a ela direcionadas é de tentar enrijecer a técnica, torná-la capaz de atingir seus objetivos, pois o que prevalece é a ideia de que só um sujeito racional permitiria um melhor gerenciamento do tempo, dos afetos, dos vínculos (Safatle, 2015).

Para Hall (2006), os sujeitos contemporâneos possuem uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (Hall, 2006, p. 12-13).

Por vezes, quando o campo da ciência, por ser apontado como frágil, reage adotando identidades fixas de que deveriam ser os pesquisadores em Ciências Humanas sujeitos racionais, afasta-se de sua essência principal retomando o pensamento de Fromm (1979, p. 93): “experimento dentro de mim o que ela sente”, ou seja, todo o conhecimento da outra pessoa só é conhecimento real se for baseado na experiência, em mim, daquilo que ela sente. Se isso não acontecer, a pessoa que serve como *corpus* de pesquisa pode até continuar a ser um objeto de estudo, sobre o qual o cientista humano pode saber muito, mas sem que o conheça. Nas palavras do escritor Aldous Huxley (2016, p. 274), experiências afetivas como o amor estão unidas ao conhecimento: “Amor sem conhecimento é importante, conhecimento sem amor, muitas vezes, é desumano”.

As cócegas nesta relação com o “desdém” seriam ocupadas pela invisibilidade do que não é controlável, um pouco do que na ciência pode ser representado pelo trabalho imaterial que atravessa os campos de labor e atinge também os campos do desejo, das vontades. As subjetividades são constantemente alteradas e afetadas por essa forma de agir em “desdém”, através das criações de exigências constantes que servem como pontos de catalisação dos diversos fluxos que nele se cruzam. É como se houvesse uma tentativa de afastar a produção do conhecimento de sensações afetivas, como se nomeações dessa natureza não pudessem estar ligadas aos especialistas, principalmente os afetos angustiantes.

Perceber que a invisibilidade, ou ao menos o lugar mais frágil ocupado pelas questões afetivas nas construções científicas, se dá por vias de afastamento é importante para compreender que é este afastamento que está por detrás da expressão “não fez nem cócegas”. Talvez não seja, em primeira instância, que as reações das quais emergem essa fala se deem como uma depreciação apenas do assunto, mas também, e talvez, sirva mais para dar conta da sensação, qual seja, a de fugir de se haver com esses questionamentos.

Explica-se essa relação ao trazer a literatura como alicerce, pois é ela que se mostra mais capaz de nomear percepções afetivas. Logo, Huxley (2016 p. 273) apresenta que frente a uma criança perguntadora, os pais a respondem com a expressão “Ora, isso é bobagem, vá brincar”. Segundo o autor, os adultos o fazem mais por não saberem a resposta do que por, de fato, considerarem aquela pergunta uma bobagem. Isso nos convida a estabelecer uma associação de que talvez a expressão “não fez nem cócegas” compartilhe dessa estratégia de desviar-se daquilo que não se sabe.

Quando relacionamos as cócegas à compreensão de fenômenos humanos, isso se potencializa, pois muitas condições humanas, principalmente as de ordem afetiva, são difíceis de nomear-se objetivamente, além de agoniantes em certas circunstâncias. Pela dificuldade, inclusive de ver-se frente a essa sensação agoniante é que as ciências, apesar de seus avanços, contêm sempre dificuldades de expressar como os afetos podem associar-se às razões.

Talvez isso possa justificar o porquê de, entre as diversas Ciências Humanas, como a Psicanálise, a Antropologia, a Filosofia, a Literatura, a Sociologia, a História, entre outras, as cócegas, sensação simples e muito humana, encontrarem vias de representação na literatura, e quase nunca nas outras ciências. É como se a captura dessa reflexão escapasse às demais ciências, como a capacidade de desvencilhar-se das cócegas escapa ao sujeito que está sob às cócegas de outra pessoa. Quando alguém sente cócegas, sabe de quais gestos corporais se pode valer para se afastar daquele toque, porém é como se a graça que se instaura no corpo desarmasse qualquer defesa. É como se as cócegas atingissem a sapiência de agoniar sem que o outro necessariamente se coloque em fuga, e ainda se divirta com isso.

Os afetos transversalizados com as linguagens mais técnicas e robustas talvez sejam uma dificuldade das Ciências Humanas, que, por vezes, se afastam de suas imbricações e as negligenciam durante as pesquisas, com a justificativa racional de que “não fazem cócegas” no que se propõe o estudo. Ao que se parece, todavia, mais o fazem por não encontrarem o ponto onde estabelecer o gesto e produzir com esta agonia o prazer das cócegas.

É impossível que façamos cócegas em nós mesmos

“Cócegas são pequenas angústias. Ou grandes angústias, dependendo da intensidade. [...] nas cócegas, há alguém me tocando. [...] é impossível que façamos cócegas em nós mesmos” (Kuss, 2017, p. 25). Em outras palavras, aquela “agonia-prazerosa” sentida nas sensações de cócegas não é sentida quando produzida pelo próprio sujeito. Não é possível sentir cócegas com seus próprios movimentos. Da mesma forma, as Ciências Humanas não podem fazer ciência de uma forma humana sem sua capacidade expressiva de demonstrar afetos singularmente humanos, ou, caso façam, podemos continuar considerando-as como Ciências Humanas?

Em seu livro *Recusa do não-lugar*, Pessanha (2018, p. 151) traz em forma de poema a estreita relação de cumplicidade atenta: “Acreditei que a angústia me concederia o olhar da lâmina, o fulgor do recém-nascido e o dizer do alheio sem névoa, mas isso era a parte inocente do poema, pois a angústia me deu também a artéria enrijecida, o entupimento da carótida e o risco de morte súbita na calçada”. Em outro momento do texto, as sensações de cócegas representam uma cumplicidade atenta, ou seja, é preciso dois corpos atentos aos “leves” toques que produzem “intensas” reações.

Precisamos agora compreender quem são os outros e quem somos nós?: “com um vago senso de vertigem, nos perguntamos se os outros existem realmente, ou se somos nós que os inventamos”. Essa passagem do livro *As pequenas virtudes*, de Natalia Gingzburg (2005, p. 92), é uma boa maneira de adentrar na forma como essa autora apresenta a compreensão do ponto de vista das relações adultas. Durante o capítulo destinado às relações humanas, a autora vai apresentando a dualidade de prazer e agonia na tentativa de mensurar as necessidades que temos da presença do outro e das relações que estabelecemos com eles, o que pode ser melhor compreendido pela passagem que segue: “Sempre nos dizendo que os outros talvez não existam, que somos nós que os inventamos, continuamos inexplicavelmente sofrendo pelo desprezo dos nossos colegas [...], no entanto sempre imaginamos que alguém se apaixonará por nós” (Gingzburg, 2005, p. 92).

O caso aqui talvez não seja necessariamente a paixão, mas uma alegria que surpreende o sujeito afetivamente, que é fruto de sua interação com outro sujeito. Essa sensação só pode acontecer enquanto surpresa pela existência de dois sujeitos em interação. Pensando nessa dualidade de querer ser indiferente aos outros, mas esperar que a subjetividade do outro o reconheça, é que esse fenômeno se apresenta também no campo da pesquisa em Ciências Humanas. Diversos seriam os exemplos a serem considerados, mas aqui nos deteremos ao uso dos nomes fictícios nas pesquisas com seres humanos. A justificativa “técnica” desta prática é a garantia do sigilo dos participantes e o anonimato na divulgação dos dados. As formas como essas práticas são adotadas, porém, podem ser consideradas uma relação de necessidade da existência de um outro. Tal como nas cócegas “é impossível fazer cócegas em si mesmo”, parece que aos pesquisadores é impossível retomar o questionamento de quão real é este outro e em que medida é este o fruto de sua imaginação.

Quando um pesquisador utiliza os nomes fictícios, muitos pedem aos próprios pesquisados que o escolham, como se se sustentasse a existência deste outro, por ele próprio.

Carrega uma marca ambígua e deve ser posto em questão aqui. Num dispositivo experimental, no qual os sujeitos são, de alguma maneira, apagados para dar lugar aos fenômenos que emergem ‘independentes’ daqueles que se submeteram ao dispositivo, o que conta na pesquisa são as frequências deste fenômeno. Os dados são computados estatisticamente e o que importa são as variáveis que põem em jogo as relações de causa e efeito. Os sujeitos seriam uma espécie de ‘suporte’ descartável. Neste sentido, os nomes não teriam nenhum valor, a não ser negativo, por ‘pessoalizar’ algo que seria de ordem impessoal. Em outras palavras, o nome não teria valor algum para o experimento porque não importa quem esteve lá, os fenômenos são lidos como algo desconectado daqueles que o produzem e são legitimados justamente porque são passíveis de generalização (Monteiro; Raimundo; Martins, 2019).

Como os autores apresentam, não haveria valor algum em sustentar um nome aos pesquisados pelo fato inclusive desta prática exigir um trabalho extra ao pesquisador, mas pode-se inferir que os pesquisadores os façam, mesmo que não se deem conta disso, porque afetivamente é mais fácil escrever sobre essas histórias reais sobre esses nomes fictícios que lembram ao pesquisador o sujeito real que lhe concedeu, dividiu suas histórias e se permitiu “experienciar uma sensação de cócegas” com um desconhecido que se nomeia pesquisador.

Além disso, a presença dos nomes, mesmo que fictícios, leva o sujeito pesquisador a colocar-se atento ao que escutou e ao que transformou num recorte de fala que será usado em sua pesquisa. Dessa forma, há um compromisso com o não inventar ou distorcer o que é dito pelo sujeito pesquisado, sem o risco de ser confrontado pelo sujeito que também sabe o que foi dito durante o tempo em que estiveram em diálogo.

Este exemplo serve apenas para materializar o lugar que as cócegas podem ocupar na relação que o pesquisador estabelece com seu objeto de estudo, qual seja o de subjetivamente implicar humanidade no objeto em que estuda. Dar um nome fictício é sustentar que existe um humano que representa aqueles dados. A pesquisa não precisa interagir necessariamente com outros seres humanos, como no caso exemplificado anteriormente, mas, em outras áreas do conhecimento ligadas ao estudo das humanidades, a atribuição de nomes a determinadas situações serve à mesma finalidade, como no exemplo a seguir, em que Markus Gabriel questiona a ida de João ao mercado:

uma grande parte da vida humana (da qual a ética e a política fazem parte) apenas se deixa entender se levamos em conta a realidade dos *qualia*. Se quiser esclarecer por que, por exemplo, João foi para o mercado, eu não poderei evitar mencionar que ele tinha cede – ou que alguma outra coisa inteiramente estivesse por trás disso. Há incontáveis razões pelas quais ele pode ter ido para o mercado [...] (Gabriel, 2018, p. 133).

Muitas outras referências se fazem ao fato de os sujeitos, quando pesquisam em Ciências Humanas, não se poderem deslocar da presença de outras humanidades para construir sua escrita permeada pela sua humanidade. Sobre esse ponto, inclusive, é na relação pessoal com os afetos advindos de todas as etapas de uma construção científica que, de certa forma, o texto pode ser construído. Muitas vezes é identificar-se afetivamente com os resultados encontrados, com as histórias de vida, com os sujeitos que são estranhamente seus *desconhecidos-conhecidos*, os entrevistados.

E também é com os afetos sobre o próprio processo de construção do texto que se faz uma pesquisa. Por isso, parece pertinente que se tenha construído neste texto a terceira relação com “as cócegas”, uma relação de atenção compartilhada. Se na primeira relação havia crise e na segunda fragilidade, na terceira, o que existe é humanidade toda expressa na impossibilidade de “viver cientificamente” (Cupani, 2017, p. 37). Todo pesquisador faz ciência, mas a vive de seus mais particulares afetos.

Fazendo cócegas – considerações finais

Pensar a relação das Ciências Humanas para as Humanidades de uma forma esperançosa, como a que se buscou neste trabalho, “fazendo cócegas nas Ciências Humanas” é considerar que há certos tipos de experiências dentro das produções intelectuais, como a Lógica, que podem existir sem um aparato afetivo muito desenvolvido. No entanto, experiências nas quais se deseja aprender a ver o que significa ser o que somos, onde o somos, bem como conhecer o que nos rodeia, implica nos permitirmos sentir e produzir cócegas, como descreve Bruno Latour sobre o que é seu objeto de estudo, a epistemologia. Termo esse que, para ele, por si só, apenas dá conta de materializar o objeto de sua dedicação científica dos últimos anos. Nada parece haver de humano, todavia, nesta expressão e, portanto, para que sua ciência seja compreendida pelos seus alunos, os humanos para o qual importa este entendimento, ele o traduz em seu livro *Cogitamus*, da seguinte forma:

Por que então não dizer que dou um curso de epistemologia? Em primeiro lugar, porque faria que os estudantes fugissem de mim... mas, além disso, porque esse termo acabou por designar [...], um esforço para *extirpar* das ciências toda conexão com o restante das disciplinas. [...] Eu poderia, certamente, dizer que ministro um curso de *epistemologia política*; a expressão se ajustaria de modo excelente ao que faço, mas quem me compreenderia? Por tanto, mantenho certa bruma em torno da

questão, e por fim, acostumei-me a humanidades, essa bela palavra que durante tanto tempo serviu para definir a educação e que tem um cheirinho bom de Renascimento... (Latour, 2016, p. 25-26).

Essa sensibilidade, descrita por Latour (2016), de perceber as agonias que estão atreladas ao seu fazer, faz com que se ponha diante dessas agonias numa intenção de fazer delas algo análogo à sensação de sentir cócegas. Isso só lhe foi possível porque, antes, vivenciou ele também uma sensação de cócegas ao ter a consciência de romper com premissas tradicionais da academia para retomar a humanidade, nem sempre fácil de ser mensurada, que está por trás delas. Ele o faz quando rompe a sua forma de tradução, que lhe pode ser inclusive satisfatória, em prol de estabelecer relações com os sujeitos que serão afetados por ela, neste caso, no que diz respeito a uma ciência a ser apreendida.



Cientificamente tratar das cócegas se equipara a tratar da ciência por meio da sustentação da afetividade daqueles que a pensam, que é uma tarefa bastante complexa e desafiadora. Por isso, este artigo teve a pretensão de “fazer cócegas nas ciências humanas” ao lembrar que há coisas em sua forma de fazer ciência que as tornam capazes de preencher as percepções do mundo com amor. As cócegas, para Ana Suy, que inspiraram essa associação estabelecida ao longo deste trabalho, são um gesto que serve para preencher certos vazios. “Prefiro morrer de cócegas a morrer de uma angústia sem nome. Ao menos nas cócegas, há alguém me tocando. [...] Eu te cócegas, meu amor.” (Kuss, 2017, p. 26).

Referências

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Orgs. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da. Porto Alegre: Sulina, 2012, cap. 7, p. 131-149,

CÓCEGAS. In PRIBERAN dicionário. Lisboa: Priberan Informática, 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/C%C3%B3cegas>. Acesso em: 08 out. 2022.
 CONFIANÇA. In PRIBERAN dicionário. Lisboa: Priberan Informática, 2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/confian%C3%A7a>. Acesso em: 08 out. 2022.

Trivium: Estudos Interdisciplinares, Ano XVI, no.1. p. 67-77.

CUPANI, Alberto. Confiar na ciência: mudança de um paradigma cultural. In: MOTTA, Carlos Jacinto; PIZA, Suze. (orgs.). Thomas Kuhn e as ciências humanas.

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na cultura. Porto Alegre-RS: L&PM, 2014.

FROMM, Erich. A revolução da esperança: Por uma tecnologia humanizada. São Paulo: Círculo do Livro, 1979.

GABRIEL, Markus. Eu não sou meu cérebro: Filosofia do espírito para o século XXI. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

GINZBURG, Natalia. As pequenas virtudes. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUXLEY, Aldous. A situação humana. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

KUSS, Ana Suy. Não pise no meu vazio. São Paulo. Editora Patuá, 2017.

LATOUR, Bruno. Cogitamus: Seis cartas sobre as humanidades científicas. São Paulo: Editora 34, 2016.

MACHADO, Rebeca Nonato; WINOGRAD, Monah. A importância das experiências táteis na organização psíquica. Estud. pesqui. Psicol., Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000300009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 abr. 2024.

MONTEIRO, Ana Cláudia Lima; RAIMUNDO, Maria Paula Borsoi; MARTINS, Bárbara Gerard. A questão do sigilo em pesquisa e a construção dos nomes fictícios. Psicologia. Conhecimento. Sociologia; Uruguai, 2019.

PESSANHA, Juliano Garcia. Recusa do não-lugar. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

SAFATLE, Vladimir. Circuito dos Afetos: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Citação/Citation: Zanatta, P. S.; Bittencourt, A. A. (2024). *Fazendo cócegas nas ciências humanas. Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano XVI, no. 1.)*, pp. 67-77.

Recebido em: 10/10/2022
Aprovado em: 18/04/2023